



Congresso Internacional
de Administração
ADM 2022

**24 a 28
de outubro**

**SOBREVIVÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES
EM TEMPOS INCERTOS:**

O papel dos gestores e do ambiente externo
no **sucesso** e no **fracasso** organizacional.

SIMBOLISMOS RELACIONADOS À PANDEMIA DE COVID-19: IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

SYMBOLISMS RELATED TO THE COVID-19 PANDEMIC: EPISTEMOLOGICAL IMPLICATIONS

ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: ESTUDOS CRÍTICOS E PRÁTICAS TRANSFORMADORAS EM ORGANIZAÇÕES

Rodrigo Santos da Mata, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil, rodrigo.mata@ufes.br

Resumo

A pandemia de COVID-19 criou um ambiente dinamicamente incerto, com as rotinas sendo alteradas, as interações normais interrompidas e o risco reavaliado continuamente; o isolamento social, considerado um dos mais importantes símbolos da crise sanitária, foi devastador para o mundo do trabalho e para as mais variadas interações sociais. Não é de se surpreender, então, que o cenário instaurado pela pandemia de COVID-19 se apresentou propício para criação e recriação simbólica, com capacidade de influenciar o comportamento dos indivíduos. Posto isto, o presente ensaio teve por objetivo discutir as implicações epistemológicas dos estudos que abordam os simbolismos relacionados à pandemia de COVID-19. Por fim, a partir da discussão dos estudos, foram propostas sugestões de pesquisas para tratar os fenômenos da pandemia, tendo como fundamentação a lente teórica da prática.

Palavras-chave: COVID-19; Epistemologia; Simbolismos; Teorias da Prática.

Abstract

The pandemic of COVID-19 created a dynamically uncertain environment, with routines being altered, normal interactions interrupted, and risk continuously reassessed; social isolation, considered one of the most important symbols of the health crisis, was devastating to the world of work and the most varied social interactions. It is not surprising, then, that the scenario set up by the pandemic of COVID-19 presented itself propitious for symbolic creation and recreation, with the capacity to influence the behavior of individuals. That said, this essay aimed to discuss the epistemological implications of studies addressing the symbolisms related to the COVID-19 pandemic. Finally, from the discussion of the studies, suggestions for research to address the phenomena of the pandemic were proposed, with the theoretical lens of practice as the foundation.

Keywords: COVID-1; Epistemology; Symbolisms; Theories of Practice.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 foi responsável por gerar um nível significativo de estresse em todos os aspectos da sociedade, desde os cuidados com a saúde e a economia até o bem-estar psicológico das pessoas (Atkinson *et al.*, 2020). O'Flynn (2020) considera este um momento disruptivo na história, com mais perguntas do que respostas, onde a única certeza é que muitos desafios complexos e interconectados estão pela frente.

Diante de tais desafios, as instituições que compõem as estruturas sociais foram obrigadas a se adaptar rapidamente e a buscar soluções que, pelo menos para as sociedades democráticas, pareciam inconcebíveis; uma delas foi o isolamento da população (Ioan, 2021). No entanto, de acordo com este autor, o grande medo gerado pela evolução da pandemia fez com que muitas pessoas escolhessem acreditar em teorias da conspiração; havia, por exemplo, estudos que apresentavam a crença de que o vírus foi criado artificialmente em laboratório, escapou por descuido ou que foi lançado intencionalmente para reduzir drasticamente a população.

No que lhe concerne, o apreço dos indivíduos para com as teorias da conspiração parte da desconfiança social e institucional, da convicção de que o governo não pode cumprir sua missão que deriva do contrato social, da avaliação da eficiência da política, das atitudes em relação à democracia e dos gestos populistas ou da aprovação do governo tecnocrata (Ioan, 2021). Consequentemente, a promoção de teorias da conspiração tornou a luta contra a pandemia ainda mais desafiadora para muitos governos ao redor do mundo.

Na busca para conter o avanço do vírus, medidas como distanciamento social, máscaras faciais e lavagem das mãos foram concebidas para influenciar o comportamento social e individual para impedir o contágio (Angeli & Montefusco, 2020). No entanto, essas medidas não foram recepcionadas de forma unânime pelos indivíduos. Como exemplo, embora o uso de máscaras faciais tenha sido promovido com base em fortes benefícios relativos (alta eficácia em retardar a propagação viral e baixo custo), o que predominou nas decisões de muitas pessoas sobre o mascaramento foi sua relação simbólica com a identidade política (Wood & Schulman, 2021).

Quanto ao exemplo do uso de máscaras, tal medida representou comportamentos bastantes distintos. Verificou-se que alguns grupos incorporaram máscaras à sua autoimagem como símbolo de responsabilidade e respeito da comunidade, enquanto outros viram o uso de máscaras como um sinal de fraqueza ou covardia; lideranças de movimentos contrários ao uso de máscaras as concebiam como um ataque à liberdade, portanto, à democracia. (Wood & Schulman, 2021).

Boussagnet, Faucher e Freudlsperger (2021), que analisaram o emprego de representações simbólicas por lideranças políticas europeias no enfrentamento da pandemia de COVID-19, constaram que os símbolos foram fundamentais para gerir a crise sanitária nessas democracias europeias, onde os governos não podiam contar apenas com práticas coercitivas; os líderes políticos aproveitaram rituais, referências e analogias para tranquilizar seus cidadãos, para simbolizar a unidade da nação e legitimar suas próprias decisões.

Na direção contrária, evidências resultantes do estudo dos determinantes políticos da saúde mostram que a disseminação da COVID-19 está sendo alimentada pelo populismo e o alimentando (Mckee *et al.*, 2020; O'Flynn, 2020). Segundo esses autores, em alguns dos governos com pior desempenho durante a pandemia - Reino Unido, Índia, EUA, Brasil e Rússia, por exemplo - os líderes têm levado ao poder ondas populistas que geram desprezo pelas instituições, negacionismo, suspeita de elites e incorporam a prática de culpar vítimas e estrangeiros; nesses lugares tem sido muito mais difícil colocar em prática respostas governamentais eficazes.

O que esses estudos iniciais revelaram é que na gestão da pandemia determinados governos empregaram símbolos para o convencimento de seus cidadãos, cujos efeitos desencadearam consequências no desempenho, sejam positivas, sejam negativas. Em consideração a isso, o presente ensaio tem como problema norteador: **como os estudos de diferentes vertentes epistemológicas abordam os simbolismos relacionados à pandemia de COVID-19?** Para esse fim, o estudo visa discutir as implicações epistemológicas dos estudos que abordam os simbolismos relacionados à pandemia de COVID-19.

Este estudo se justifica, pois tem o diferencial de apresentar uma alternativa epistêmica para a análise dos fenômenos da pandemia de COVID-19. Sendo assim, a proposta epistêmica, aqui apresentada, está alicerçada no paradigma pós-estruturalista/pós-humanista (Hassard & Wolfram Cox, 2013), de base ontológica do “vir a ser” (Duarte & Alcadipani, 2016), em que se defende a aplicação da lente teórica da prática (Gherardi, 2009) na fundamentação dos estudos que buscam compreender os fenômenos supramencionados.

A próxima seção aborda os simbolismos nos fenômenos da pandemia de COVID-19. Na sequência, é apresentada a alternativa epistêmica, fundamentada a partir da lente teórica da prática, na busca de compreender tais fenômenos. A seção 4 é reservada para discutir as diferentes abordagens epistemológicas dos estudos sobre os simbolismos na pandemia. Finalmente, na seção 5 são apresentadas as considerações finais.

2. OS SIMBOLISMOS NOS FENÔMENOS DA PANDEMIA

Um símbolo é um signo que representa algo que vai além da sua própria existência, “e exige a associação de certas ideias conscientes ou inconscientes, para ser dotado de todo o seu significado e significação” (Morgan, Frost, & Pondy, 1983, p. 4-5). Fotaki *et al.* (2020, p. 8-9) acrescentam que metáforas, símbolos, mitos, histórias e lendas são meios importantes para a criação de significados, uma vez que “moldam nossa imaginação e nos ajudam a representar o mundo e nossas experiências que de outra forma seriam incompreensíveis”.

Com respeito aos símbolos, estes são criados e recriados toda vez que os seres humanos atribuem aos elementos do seu mundo um padrão de significado e significância que vai além de seu conteúdo intrínseco, de tal forma que “qualquer objeto, ação, evento, enunciado, conceito ou imagem se oferece como matéria-prima para a criação de símbolos, em qualquer lugar e a qualquer momento” (Morgan, Frost, & Pondy, 1983, p. 5). Posto isso, considera-se que o cenário instaurado pela pandemia de COVID-19 se apresenta propício para criação e recriação simbólica com capacidade de influenciar o comportamento dos indivíduos.

Nesse ínterim, a pandemia de COVID-19 criou um ambiente dinamicamente incerto, com as rotinas sendo alteradas, as interações normais interrompidas e o risco reavaliado continuamente (Christianson & Barton, 2021); o isolamento social, considerado um dos mais importantes símbolos da crise sanitária, foi devastador para o mundo do trabalho e para as mais variadas interações sociais, situação que ficou marcada pelo fechamento de atividades econômicas e o crescente número de desempregados.

Conseqüentemente, a compreensão dos fenômenos da pandemia a partir de um olhar essencialmente funcionalista de base ontológica do “ser” (Duarte & Alcadipani, 2016) traria importantes limitações. Sendo assim, o momento exige que sejam incluídas abordagens alternativas, a exemplo das terias da prática (Reckwitz, 2002), com intuito de compreender a realidade complexa e instável advinda com a crise da pandemia de COVID-19.

Nessa perspectiva, entende-se adequado assumir uma postura ontológica do “vir a ser” (Duarte & Alcadipani, 2016) para os estudos que têm por finalidade compreender a conjuntura estabelecida pela pandemia de COVID-19. De acordo com Duarte e Alcadipani (2016), na ontologia do “vir a ser” os estados estáticos tidos como certos são vistos como efeitos de processos sociais complexos, onde o pensar a ação humana e o exercício do pensamento são considerados em termos difusos e processuais.

No que lhe respeita, a ontologia do “vir a ser” está em consonância com o paradigma pós-estruturalista. Tal como nos informam Hassard e Wolfram Cox (2013), o pós-estruturalismo está situado no que os autores denominam de paradigma genérico, onde o campo dos Estudos Organizacionais de Terceira Ordem reflete características ontologicamente relativistas,

epistemologicamente relacionais e metodologicamente reflexivas. Decorre, a partir disso, que o paradigma pós-estrutural oferece uma base analítica que pode contribuir para o desenvolvimento de estudos em torno da complexidade do ambiente pandêmico, de modo a ampliar a visão de abordagens tradicionais.

3. TEORIAS DA PRÁTICA: UMA ABORDAGEM ALTERNATIVA PARA A COMPREENSÃO DOS FENÔMENOS DA PANDEMIA

Na pandemia, as medidas impostas pelos governos, como lockdown, quarentena domiciliar e outras regulamentações associadas, moldaram significativamente os comportamentos nos espaços. Com as mudanças nas práticas espaciais das pessoas, como aumento das interações virtuais, adoção da cultura do home office, predominância do comércio eletrônico, etc., o uso físico dos espaços públicos diminuiu (Bhattacharjee & Sattar, 2021). Em decorrência dos efeitos da pandemia, os espaços e as práticas precisaram ser ressignificados.

Durante a pandemia, as pessoas tiveram que entender um fluxo excessivo de informações por longos períodos, atualizando frequentemente sua compreensão da situação em evolução (Christianson & Barton, 2021). Os autores comentam que, pelo fato de a pandemia ser nova e emergente, a informação é, muitas vezes, incompleta, fragmentada ou mesmo contraditória, colocando desafios significativos para enquadramento e interpretação. Alternativamente, a teoria do sensemaking informa que a construção de tais informações em explicações sensatas é impulsionada pela plausibilidade (Weick, Sutcliffe, & Obstfeld, 2005).

Para Christianson e Barton (2021), narrativas diversas e muitas vezes controversas sobre a causa da pandemia evocam uma série de motivações alternativas que podem determinar o que parece “plausível”. Na perspectiva do sensemaking, os autores consideram, por exemplo, as narrativas que adotam remédios cientificamente refutados ou rejeitam o número de mortos como falsos podem não ser “falhas” na criação de sentido, mas sim relatos plausíveis moldados pela necessidade de uma sensação de segurança.

Mais importante ainda, seria pensar o sensemaking nas práticas. Em alusão às teorias da prática, a pandemia exigiu esforços tamanhos de tal forma que a prática vista apenas como matrizes de atividade (Schatzki, 2001), ou o “termo ‘prática’ sendo assumido como sinônimo de ‘rotina’, ou tomado como um equivalente genérico de ‘o que as pessoas realmente fazem’” (Gherardi, 2009) não teria o mesmo significado em um ambiente de constante transformação.

Segundo Reckwitz (2002), as teorias da prática pertencem ao grupo das teorias culturais e, como tal, recorrem a estruturas simbólicas de significado para explicar e compreender a ação. No entanto, o autor ressalta que as teorias da prática concebem o social de maneira diferente das demais teorias culturais, uma vez que estas colocam o social em práticas e tratam as práticas como a menor unidade de análise social.

Sob esse olhar é importante entender práticas no sentido das teorias da prática. De acordo com essas teorias, as práticas devem ser compreendidas como tipos rotinizados de comportamentos que envolvem vários elementos interligados entre si: formas de atividades corporais, formas de atividades mentais, “coisas” e seu uso, um conhecimento prévio na forma de compreensão, know-how, estados de emoção e conhecimento motivacional (Reckwitz, 2002). Por seu turno, esse conceito nos permite entender uma “forma de fazer” como sendo dependente da existência e da interconexão específica de tais elementos.

De acordo com Schatzki (2001), conhecimento, significado, atividade humana, ciência, poder, linguagem, instituições sociais e transformação histórica ocorrem dentro e são aspectos ou componentes do campo das práticas. Para Feldman e Orlikowski (2011, p. 1240), “central para uma lente prática é a noção de que a vida social é uma produção contínua, portanto, emerge

através das ações recorrentes das pessoas”. As autoras informam que tal lente teórica tem grande capacidade de oportunizar a análise de fenômenos sociais, tecnológicos e organizacionais.

Observamos em Schatzki (2002) que a vida social é regida por uma série de práticas como práticas de negociação, práticas políticas, práticas culinárias, práticas bancárias, práticas recreativas, práticas religiosas, e práticas educativas, ou seja, uma prática é um “pacote” de atividades, portanto, um nexos organizado de ações. Assim, ao citar esses exemplos, o autor reforça o seu entendimento de que as atividades em questão são as de seres humanos, ou seja, excluindo das práticas os não humanos.

No entanto, quando situamos as práticas na conjuntura disruptiva da pandemia, restringir as atividades (ou “pacote” de atividades) como próprias dos seres humanos, à maneira de Schatzki (2002), não permite explorar todo o potencial que as teorias da prática oferecem.

Diante disso, devemos nos lembrar que a interferência de um vírus (o da COVID-19) revolucionou as interações sociais e conseqüentemente as práticas que regem essas interações. Por isso, defendo neste ensaio que as práticas, a partir da influência dos efeitos da pandemia, devem ser analisadas sob uma perspectiva epistemológica, em que as teorias da prática assumem um modelo ecológico onde a agência é distribuída entre humanos e não humanos e que a realidade entre o mundo social e a materialidade pode ser submetida à investigação (Gherardi, 2009).

Além disso, defendo uma análise das práticas na perspectiva do conhecimento apreendido (Orlikowski, 2002), o qual é construído a partir do envolvimento contínuo das pessoas nas práticas sociais, portanto, na reprodução do conhecimento gerado nessas práticas. A autora destaca que enquanto as pessoas reconstituem continuamente seu conhecimento sobre tempo e através dos contextos, elas também modificam seu conhecimento à medida que mudam suas práticas; as pessoas improvisam novas práticas à medida que inventam, se introduzem ou aprendem novas maneiras de interpretar e experimentar o mundo, como observado durante a pandemia.

A seção seguinte é reservada para uma discussão dos estudos que adotam diferentes epistemologias para abordar os simbolismos na pandemia de COVID-19. Com base nessa discussão, são propostos caminhos alternativos para a construção de futuras pesquisas.

4. ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS SOBRE OS SIMBOLISMOS NA PANDEMIA

Nessa seção são apresentados 5 (cinco) estudos, de diferentes abordagens epistemológicas, sobre os simbolismos na pandemia. Esses trabalhos foram baixados da base Google Scholar, em que se utilizou como termos de busca “symbolism”, “COVID-19”, “epistemology”. Por fim, foram observados os critérios de pertinência do conteúdo e a condição de publicação em periódicos classificados nos extratos A1 ou A2. O Quadro 1 detalha os estudos selecionados para essa discussão.

Periódico	País da pesquisa	Ator/data	Teoria/método	Objetivo(s)	Principais resultados
International Journal of Sociology and Social Policy	Reino Unido	Briggs <i>et al.</i> (2020).	<ul style="list-style-type: none"> - Materialismo Transcendental. - Utilizou-se um questionário online semiestruturado. 	Examinar o impacto social, psicológico e emocional do confinamento.	<ul style="list-style-type: none"> - A Covid-19 não conseguiu abalar as estruturas profundas da ideologia neoliberal em um nível subjetivo. - As atitudes do consumidor profundamente enraizadas ajudaram muitos dos participantes a lidar com o bloqueio. - O sujeito materialista transcendental permanece profundamente comprometido com os desejos do consumidor.
Journal of Hospitality Marketing & Management	Taiwan	Chuah, Aw e Cheng (2021).	<ul style="list-style-type: none"> - Não recorre a uma teoria específica. - Aplicação de questionário. - Modelagem de equações estruturais. 	Explorar a relação entre valor percebido pelo cliente, atitudes e intenções comportamentais em relação a restaurantes robóticos na era COVID-19.	<ul style="list-style-type: none"> - A pandemia da COVID-19 transformou rapidamente o comportamento do consumidor. - As descobertas mostraram que a pandemia de COVID-19 destacou a importância dos robôs na mitigação do risco de transmissão de vírus, especialmente em serviços de alto contato. - A importância do valor condicional é amplificada pela necessidade de distanciamento físico e misofobia.
Global Public Health	Estados Unidos	Kenworthy, Koon e Mendenhall (2021).	<ul style="list-style-type: none"> - Teoria do <i>Sensemaking</i>. - Método etnográfico. - Abordagem interpretativa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e explorar alguns dos símbolos mais evidentes e contestados da pandemia. - Os autores focaram nos tópicos de máscaras, confiança nas instituições de saúde pública, bem 	<ul style="list-style-type: none"> - O simbolismo político das máscaras tornou-se uma fratura política entre direita e esquerda, real e imaginário. - Embora a desconfiança institucional talvez fosse esperada, o mais impressionante é a maneira como as evidências

				como as ausências de memorialização.	comunicadas por essas instituições também se tornaram altamente contestadas nos primeiros meses da pandemia. - Talvez o elemento mais ausente até o momento sejam os esforços de memorialização das centenas de milhares de americanos que morreram de COVID-19.
International Journal of Latin American Religions	México	Kingsbury e Chesnut (2020)	- Não recorre a uma teoria específica. - Método etnográfico. - Observação participante.	Refletir sobre a importância da religião em tempos de pandemia como um mecanismo de enfrentamento.	Evidenciando a importância da religião como mecanismo de enfrentamento em tempos de pandemia, os poderes de cura de Santa Muerte encontraram grande nova demanda no mercado religioso mexicano em meio à COVID-19.
International Journal of Sociology and Social Policy	Nigéria	Omobowal <i>et al.</i> (2020).	- Os dados da pesquisa foram coletados principalmente de fontes secundárias, que estavam disponíveis on-line. - Os dez estudos de caso rápidos foram conduzidos remotamente.	Refletir contextualmente sobre o impacto da pandemia de COVID-19 nos trabalhadores informais na Nigéria.	O setor informal acomoda a maioria dos nigerianos. Constatou-se que os trabalhadores informais interpretaram as medidas de contenção da COVID-19 de restrição de movimento e bloqueio como táticas opressivas da elite.

Quadro 1 – Estudos selecionados

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme Quadro 1, os estudos relacionados evidenciam, nos contextos em que foram produzidos, aspectos simbólicos empregados pelos atores (participantes das pesquisas) na construção de sentido durante a pandemia de COVID-19. Dessa forma, Briggs *et al.* (2020) abordaram os simbolismos presentes na ideologia neoliberal que ajudaram muitos participantes do estudo a lidar com o bloqueio. Chuah, Aw e Cheng (2021) trataram dos simbolismos que levam consumidores a escolher os serviços de restaurantes robóticos durante a pandemia. Kenworthy, Koon e Mendenhall (2021) exploraram os simbolismos mais evidentes e contestados durante a pandemia nos Estados Unidos, destacadamente, máscaras, instituições de saúde pública e ausências de memorialização das vítimas. Kingsbury e Chesnut (2020) traçaram uma reflexão sobre a importância dos simbolismos relacionados à religião em tempos de pandemia. Finalmente, Omobowal *et al.* (2020) construíram uma reflexão a respeito dos

simbolismos que orientam a construção de sentidos dos trabalhadores informais na Nigéria durante a pandemia.

Contudo, observa-se nos trabalhos elencados uma ausência de aplicação das teorias da prática. No entanto, todos os estudos apresentados nessa seção são passíveis de uma análise a partir da lente teórica da prática (Feldman & Orlikowski, 2011), a qual tem como recurso as estruturas simbólicas de significado para explicar e compreender a ação (Reckwitz, 2002). É o que este ensaio propõe.

A esse respeito, os estudos da presente seção fornecem campos de análise para novas pesquisas que venham adotar a lente teórica da prática. Assim, sob a perspectiva das práticas, por exemplo, o estudo de Briggs *et al.* (2020) pode ser conduzido a partir de uma análise da lógica de práticas neoliberais empregadas durante a pandemia. Já o estudo de Chuah, Aw e Cheng (2021) pode ser abordado por meio de uma análise das mudanças das práticas dos restaurantes, passando de atendimentos tradicionais de intenso contato para atendimentos realizados por robôs, tendo em vista os efeitos da pandemia.

Quanto ao estudo de Kenworthy, Koon e Mendenhall (2021), caberia, também, uma abordagem com base na lógica de práticas neoliberais que, durante a pandemia, por intermédio de determinados grupos extremistas, serviram de resistência às medidas de contenção da COVID-19, inclusive, contribuindo na disseminação de inverdades sobre os vírus.

Em relação ao estudo de Kingsbury e Chesnut (2020), há a possibilidade de se realizar uma análise das práticas religiosas, considerando a intensa demanda da religião durante a pandemia. Por seu turno, o estudo de Omobowal *et al.* (2020), pode ser tratado segundo às práticas dos trabalhadores informais da Nigéria, que ajudariam a explicar suas percepções durante a pandemia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio teve por objetivo discutir as implicações epistemológicas dos estudos que abordam os simbolismos relacionados à pandemia de COVID-19. Para este fim, foram tratados os seguintes temas neste ensaio: i) os simbolismos na pandemia; ii) as teorias da prática como abordagem alternativa para a compreensão dos fenômenos da pandemia, por fim; iii) discussão de estudos de diferentes abordagens epistemológicas sobre os fenômenos da pandemia, considerando a aplicação das teorias da prática como abordagem alternativa.

Destarte, este ensaio contribui para a literatura ao propor a análise dos fenômenos da pandemia de COVID-19 por meio da abordagem das teorias da prática, sugerindo, a partir da discussão de uma coletânea de estudos, futuras pesquisas fundamentadas pela lente teórica proposta.

REFERÊNCIAS

- Angeli, F., & Montefusco, A. (2020). Sensemaking and learning during the Covid-19 pandemic: a complex adaptive systems perspective on policy decision-making. *World Development*, 136(105106), 1–4. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2020.105106>
- Atkinson, C. L., McCue, C., Prier, E., & Atkinson, A. M. (2020). Supply chain manipulation, misrepresentation, and magical thinking during the COVID-19 Pandemic. *American Review of Public Administration*, 50(6–7), 628–634. <https://doi.org/10.1177/0275074020942055>
- Bhattacharjee, S., & Sattar, S. (2021). The disrupted rhythm of public spaces under the Covid-19 lockdown: a case study from Mumbai Metropolitan Region. *Ensemble*, 1, 54–59. <https://doi.org/10.37948/ensemble-2021-sp1-a007>

- Briggs, D., Ellis, A., Lloyd, A., & Telford, L. (2020). New hope or old futures in disguise? Neoliberalism, the COVID-19 pandemic and the possibility for social change. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 40(9–10), 831–848. <https://doi.org/10.1108/IJSSP-07-2020-0268>
- Christianson, M. K., & Barton, M. A. (2021). Sensemaking in the time of COVID-19. In *Journal of Management Studies* (Vol. 58, Issue 2, pp. 572–576). Blackwell Publishing Ltd. <https://doi.org/10.1111/joms.12658>
- Chuah, S. H. W., Aw, E. C. X., & Cheng, C. F. (2021). A silver lining in the COVID-19 cloud: examining customers' value perceptions, willingness to use and pay more for robotic restaurants. *Journal of Hospitality Marketing and Management*, 1–28. <https://doi.org/10.1080/19368623.2021.1926038>
- Duarte, M. de F., & Alcadipani, R. (2016). Contribuições do organizar (organizing) para os Estudos Organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 23(76), 57–72. <https://doi.org/10.1590/1984-9230763>
- Feldman, M. S., & Orlikowski, W. J. (2011). Theorizing practice and practicing theory. *Organization Science*, 22(5), 1240–1253. <https://doi.org/10.4337/9781849807630.00024>
- Fotaki, M., Altman, Y., & Koning, J. (2020). Spirituality, symbolism and storytelling in twentyfirst-century organizations: understanding and addressing the crisis of imagination. *Organization Studies*, 41(1), 7–30. <https://doi.org/10.1177/0170840619875782>
- Gherardi, S. (2009). Introduction: the critical power of the “practice lens.” *Management Learning*, 40(2), 115–128. <https://doi.org/10.1177/1350507608101225>
- Hassard, J., & Wolfram Cox, J. (2013). Can sociological paradigms still inform organizational analysis? a paradigm model for post-paradigm times. *Organization Studies*, 34(11), 1701–1728. <https://doi.org/10.1177/0170840613495019>
- Ioan, A. (2021). Posthumanist forms of communication in public administration during the pandemic. *Communication in Public Administration*, 11(2), 44–48.
- Kenworthy, N., Koon, A. D., & Mendenhall, E. (2021). On symbols and scripts: The politics of the American COVID-19 response. *Global Public Health*, 1–15. <https://doi.org/10.1080/17441692.2021.1902549>
- Kingsbury, K., & Chesnut, R. A. (2020). Holy death in the time of coronavirus: Santa Muerte, the Salubrious Saint. *International Journal of Latin American Religions*, 4, 194–217. <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00110-6>
- McKee, M., Gugushvili, A., Koltai, J., & Stuckler, D. (2021). Are populist leaders creating the conditions for the spread of COVID-19? Comment on “a scoping review of populist radical right parties' influence on welfare policy and its implications for population health in europe”. *International Journal of Health Policy and Management*, 10(8), 511–515. <https://doi.org/10.34172/ijhpm.2020.124>
- Morgan, G., Frost, P., & Pondy, I. (1983). Organizational symbolism. In: Pondy, L. et al. (eds.). *Organizational symbolism*. Connecticut: Jay Press, p. 3-35.
- O'Flynn, J. (2020). Confronting the big challenges of our time: making a difference during and after COVID-19. *Public Management Review*, 1–20. <https://doi.org/10.1080/14719037.2020.1820273>
- Omobowale, A. O., Oyelade, O. K., Omobowale, M. O., & Falase, O. S. (2020). Contextual reflections on COVID-19 and informal workers in Nigeria. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 40(9–10), 1041–1057. <https://doi.org/10.1108/IJSSP-05-2020-0150>
- Orlikowski, W. J. (2002). Knowing in practice: enacting a collective capability in distributed organizing. *Organization Science*, 13(3), 249–273. <https://doi.org/10.1287/orsc.13.3.249.2776>
- Reckwitz, A. (2002). Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, 5(2), 243–263. <https://doi.org/10.4324/9780203335697-23>

- Schatzki, T. R. (2001). Introduction: practice theory. In: Schatzki, T. R., Knorr Cetina, K., & Von Savigny, E. (eds) *The practice turn in contemporary theory*. London and New York: Routledge, p. 10-23.
- Schatzki, T. R. (2002). What Is a Social Practice? In: Schatzki, T. R. *The site of the social: a philosophical account of the constitution of social life and change*. Pennsylvania: Pennsylvania State University, p. 70-88.
- Weick, K. E., Sutcliffe, K. M., & Obstfeld, D. (2005). Organizing and the process of sensemaking. In *Organization Science* (Vol. 16, Issue 4, pp. 409–421). <https://doi.org/10.1287/orsc.1050.0133>
- Wood, S., & Schulman, K. (2021). Beyond politics — Promoting COVID-19 vaccination in the United States. *Medicine and Society*, 23(1), 1–8.